

Cinema

Ano 1°
N° 18

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa: — Charles Chaplin (Charlot), numa cena de «Luzes da Cidade»

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bom Jardim, 436-3.
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ulamar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e Imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

JE T'AIME, ANITA PAGE: — O irmão do Charlot não trabalha no cinema, actualmente. Acompanha o irmão, como «caixeiro-viajante» a tratar dos assuntos de «Luzes da Cidade». Agora, está no Oriente. Qual o artista mais trágico? Ha vários, especialistas desse género, dos quais Emil Jannings é dos primeiros. Se o sr. Alves da Cunha der licença!... Só de fins deste mês em diante dou autorização para se falar na Marlene e na Sylvia. Não me parece que a Edwina Booth seja um «suco». Eu cá, não fiquei entusiasmado. Até à próxima. Agora, um conselho; quando tornar a escrever-me em língua francesa, veja que não esteja algum francês ao pé...

LUCAS TEIMOSO: — O primeiro cinema que apresentou o sonoro em Portugal foi o «Royal», de Lisboa. Depois, foi o «Odéon», do Porto.

QUERO, POSSO E MANDO; — Isso também queria eu dizer, cá na casa. A primeira coisa que fazia, era aumentar-me ao ordenado. A segunda, pôr a revista só com secção de «Correspondência», para poder satisfazer alguns leitores. 1.^a — Não sei quando virá nova fita de Janet Gaynor; ha uma estreada em Lisboa, «The Man Who Came Back», com Charles Farrell, mas não sei quando passará no Porto. 2.^a — Janet Gaynor tem 25 anos; completa 26 em 6 de Outubro. 3.^a — Casou em 11 Setembro 1929 com um advogado, Lydell Peck. Janet não tem filhos. O marido também não...

ARMANDO SANTOS: — Trata-se da versão falada de «Fantomas» e não da reexibição da antiga fita silenciosa. Os principais intérpretes são Tania Fedor na Lady Beltham, Jean Galland no Fantomas e Thomy Bourdelle no Detective de Juve.

FLOR DOS BOSQUES: — Não chegou a haver nenhum fonofilm de Rodolfo Valentino, porque êle morreu muito antes do advento do sonoro. A «Paramount» chegou a sonorizar (ruidos e músicas) «Saugue e Areia», mas teve o bom senso de não chegar a exhibir êste filme.

NAGYFILO: — Estreou-se na terça-feira no Porto «Um Homem Feliz», com o Jean Murat e a sua ELA. A seguir, não sei de qualquer outro filme. É, de facto, um dos melhores elementos do cinema sonoro, juntamente com

Correspondência

a Lilian. Eu também gosto muito dela. O Director idem, idem, mas prefere a Lilianzinha. Se votou na Kate de Nagy é porque já sabia que os outros todos tinham votado na Lilian, de modo que não quis imitá-los e votou na que considerava em segundo lugar...

ALBERTO BARRADAS: — Ainda não se passou aqui no Porto «Anna Christie», mas já vimos «Romance» e «Inspiração». Não desgosto da voz de Greta Garbo. Frances Dee é bonita, sim senhor, mas ainda não a vi em qualquer filme. Apenas a conheço das fotografias. Como é que Você aí em Luanda faz apreciações a filmes sonoros e a artistas que, de-certo, ainda aí não apareceram? Frances Dee fez «O Café do Felizberto» (versão inglesa), «June Moon», «Along Came Youth», «Caught», «Rich Man's Folly» e «Working Girls». Todos os filmes mudos que indica já cá passaram. Dizer-lhe os nomes dos filmes silenciosos que mais successo alcançaram em Portugal, isso é que é impossível, porque occuparia muito espaço. Ha aparelhos sonoros para muitos preços, e Luanda já tinha obrigação de estar equipada.

SIR FANTASM: — E' Você o primeiro que me diz que não achou nada de extraordinário em «Ruas da Cidade» nem na Sylviuzinha. Que não o achasse na Sylvia, está no seu direito, mas em «Ruas da Cidade» é que devia encontrar muito de extraordinário, se Você fosse um cinéfilo dos que sabem ver. Pois para mim, continuo a julgar «Ruas da Cidade», como dos melhores, se não o melhor fonofilm até hoje apresentado. Da Sylviuzinha, não dis-cuto, porque estamos proibidos todos de falar n'ELA, por enquanto. Acaba a proibição no fim de Maio. Estou de absoluto acordo com a simpatia pela Lilian. Eu também sou Lilianfilo. «Saude» e «Partir» passaram aí em Evora, primeiro que no Porto, porque aqui são mais exquitosos... Então «A Oeste, Nada de Novo», ainda não passou aí? Hom'essa! Vou chamar á pedra o Castelo Lopes!

JORGE PINTO: — Das casas americanas, apenas a «Paramount» e a «M-G-M» teem representação directa em Portugal. Das outras, umas são representadas por distribuidores portuque-

ses, como a «Fox» (Comp.^a Cinematográfica de Portugal), «United Artists», «Universal» (Castelo Lopes) e outras não teem qualquer representante, como «Columbia», «Tiffany», «RKO», «Warner-First».

QUE E' FEITO DELA?: — Já não me lembra que visse a Loretta Young. E tenho pena, porque é uma boa artista e das mais lindas da América. Agora está fazendo «Life Begins», para a «Warner-First National». Escreva-lhe para os estúdios desta marca, Burbank, California.

PREGUNTA-MOR: — O maior cinema do mundo é o «Gaumont Palace», de Paris, com cerca de 6.200 lugares; a seguir, o «Roxy», de Nova-York, com 5.885. O mais pequeno, não sei.

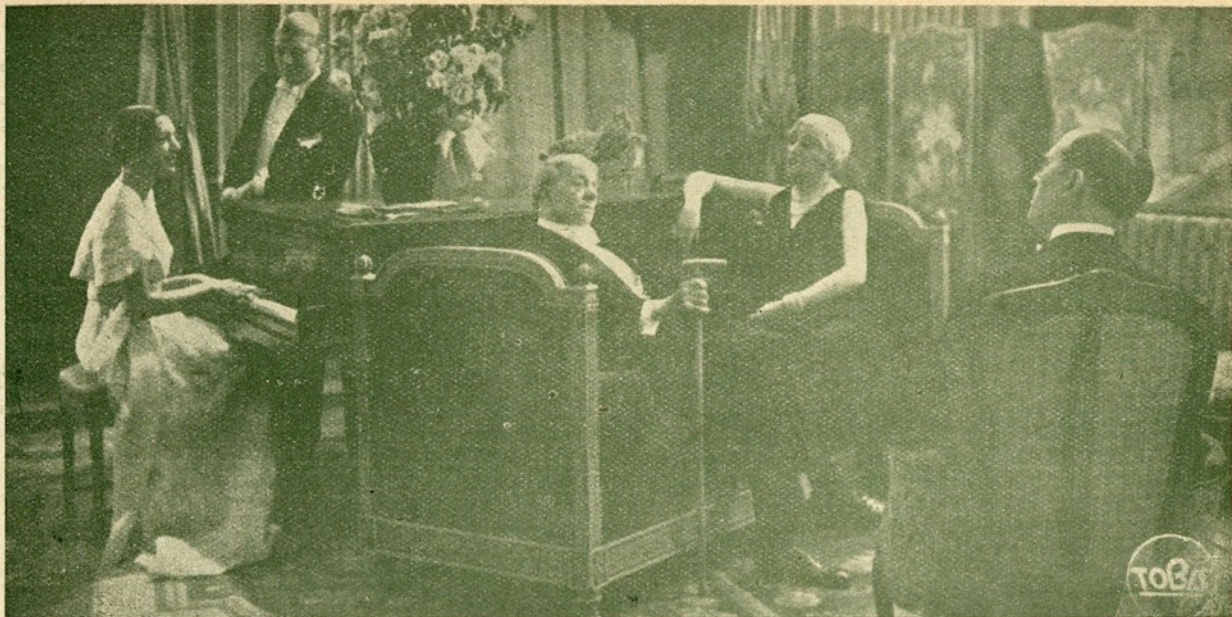
MARIANA: — De Florelle, vimos já «Em Redor dum Inquérito», «Traição» e parece-me que apareceu ligeiramente em «O Rei da Sorte». Outras fitas dela que ainda cá não vieram, foram «L'Amour Chante», em espanhol, «L'Opéra de quat'sous», «Faubourg Montmartre», «A tout Coeur» e «Vacances». Escreva-lhe para 7, bis, avenue Philippe-le-Bouchet, Neuilly-sur-Seine (Seine), França.

LILIAN, LILIAN, LILIAN: — O meus carissimos amigos, eu já tenho dado tantas vezes a direcção da Lilian! Aí vai, e fixem-na dumavez; A/c «Universum Film» Aktiengesellschaft, Berlin S. W. 68, Kochstrasse 6-8. Parece-me que a «Ufa» está mudando de escritórios; logo que mude, eu participarei a nova direcção. Por enquanto, escrevam para aquela. E se a quiserem decorar, escrevam-na 679 vezes. E' facilimo!

MOJICAFILA: — Ha ainda dois filmes de Mojica para estrear. Um, «Amor Roubado», que me parece contratado pelo «Olimpia», do Porto. O outro «Um Principe que nunca amou», pelo «Trindade». «A Loucura dum Beijo» vai ser reexibida no «Batalha». Não sei de mais nenhum, para esta temporada.

ALL FOR ONE, ONE FOR ALL: O fotógrafo de «Tabu» foi Floyd Crosby, premiado como o melhor de 1931, pela Academia Americana. O de «Ruas da Cidade» foi Lee Garmes.

EU SEI TUDO.



Uma cena de "Rapaz ou Rapariga", com Carmen Boni, que a Agência H. da Costa vai apresentar brevemente.

O Cantinho dum Cinéfilo

A temporada 1931-32 está prestes a chegar ao seu termo. "Luzes da Cidade" a rematar a época, com mais dois ou três bons filmes a formarem o *bouquet* final... e pronto! Toca a olhar firmemente para o horizonte largo mas ainda indeciso, da nova produção, a preparar a temporada 1932-33, a estudar a matéria prima com que se deve alimentar as preferências dos nossos cinéfilos e as necessidades das nossas bilheteiras...

Afinal, parece que o público se adaptou facilmente ao sonoro. É certo que a questão da linguagem desgostou muitos espectadores, que afugentou alguns outros. Mas o que é facto é que um bom fonofilmado agrada hoje como agradava outrora um bom filme silencioso. O êxito comercial de "A Parada do Amor" ou "Dois Corações a Compasso" não foi inferior ao de "A Hora Suprema" ou "O Demonio e a Carne". A qualidade cinegráfrica de "Ruas da Cidade" ou "Matou" não ficou àquem da de "Fausto" ou "Espíões". E o René Clair de "O Milhão" não tem menos espirito nem é menos apreciável do que o René Clair de "Os Dois Timidos".

O que há é mais falta de dinheiro, mais crise, a reverberar directamente na algibeira do espectador, a travar-lhe o desejo de se divertir, a torná-lo mais exigente na selecção dos seus espectáculos, a obrigá-lo a fugir de um mediocre fonofilmado, mais facilmente do que fugia diante de um mau filme silencioso.

De resto, hoje, já se vão conhecendo os gostos do público, ou, melhor, já se vai conhecendo o que não lhe agrada — o que é um aproveitável ponto de orientação.

Em Portugal, como em todo o mundo, as películas tiradas de peças teatraes declamadas ou de obras literárias seguidas à risca na sua transposição filmica, não podem ser bem recebidas, nem mesmo nos países que falem a lingua em que tais fitas sejam apresentadas. Não devem, pois, os distribuidores de filmes trazer-nos tais produções, que representam um prejuizo certo para o exhibidor e contribuem enormemente para afugentar o público.

As épocas decorridas com exploração do fonocinema já indicaram que o público dá a sua preferência, por enquanto, aos filmes-operetas, às comédias musicais, quando a música se apresenta em aliança inteligente com a imagem, e aos filmes sonoros com bom cinema. Daqueles, temos, por padrão, "O Caminho do Paraíso", de Thiele, "Monte-Carlo", de Lubitsch, "O Congresso que Dança", de Charell; dos outros, "Ruas da Cidade", de Mamouliar, "Matou", de Fritz Lang, "Fatalidade", de Von Sternberg e "Traição", de Siodmak, são os exemplos mais frizantes a abrirem os olhos de toda a gente, a dizerem-lhe que se pode fazer bom cinema sonoro com a melhor técnica do silencioso, sem palavriado demasiado, cinema vivendo de imagens que não da parolagem que alimenta os livros e os teatros.

Dentro das fitas com tais características devem sair as principais produções para a temporada próxima. Tudo o que constituir novidade deverá ser recebido a título de experiência, a apalpar o acolhimento do publico.

Teremos, de-certo, na próxima temporada, filmes americanos com a Greta Garbo e a Norma Shearer a falarem francès ou espanhol. Não faltarão, naturalmente, os filmes de terror, género "Dracula", "Frankenstein" ou "O Assassinato da Rua Morgue". Também virão, creio-o, alguns fonofilmes em episódios.

Mas permito-me dar um conselho aos senhores distribuidores. Mandem vir apenas um de cada daqueles filmes, a tatear a reacção do espectador. Porque pode muito bem ser que ele não goste do *dubbing*, por mais perfeito que seja, e prefira ver a Greta Garbo e a Norma Shearer a falarem inglês, com legendas sobrepostas em português; porque pode acontecer que os filmes em episódios sejam preferidos aos desenhos de Walt Disney ou às comédias de Laurel e Hardy; e porque pode ser que "Frankensteins" lhe meta muito medo, e o público fuja para o cinema que levar a Anny Ondra ou a Kate de Nagy.

Senhores distribuidores: Precaução nas compras para a próxima temporada!

Johnny Weissmuller, actor do cinema

O director William Van Dick, que dirigiu "Trader Horn", esteve apouquentadissimo durante dois meses procurando um actor para o primeiro papel de "Tarzan", o Homem Macaco". Tinha pensado em Charles Bickford, Joel McCrea, Johnny Mack Brown, George O'Brien e Clark Gable, e friamente decidira não utilizar nenhum destes, pois não possuíam todos os requisitos necessários para interpretar "Tarzan".

O homem destinado a levar este papel ao "écran" devia possuir um físico superior, porque "Tarzan" devia usar muito pouca roupa, e além disso tinha que possuir a rara qualidade de andar com desenvoltura e agilidade.

Van Dick ensaiou com todos aqueles actores, mas nenhum o convenceu. Querria um Jack Dempsey, mas mais jovem. Ensaioou com vários atletas das diferentes

mais tarde entrou, e hoje é o campeão do mundo.

Weissmuller fez recentemente as seguintes declarações:

"Vim a Hollywood com o fim de fazer propaganda dos fatos de banho B. V. D. que represento desde que sou campeão mundial de natação, e fiquei para fazer películas para a "M.G.M." e para ensinar as estrêlas a nadar.

"A maioria do elemento masculino estava na verdadeira "forma", mas as raparigas tinham-se descuidado um pouco. Não tardei a saber que Sylvia, a famosa massagista, era a culpada disto. Segundo o seu modo de ver, uma mulher que deseje ter formas femininas não deve dedicar-se a nenhum desporto mais de quinze ou vinte minutos todos os dias... Tive que empregar tôda a minha sabedoria para fazer ver às raparigas

que a natação fortifica e dá linhas de grande beleza tanto ao corpo masculino como ao feminino.

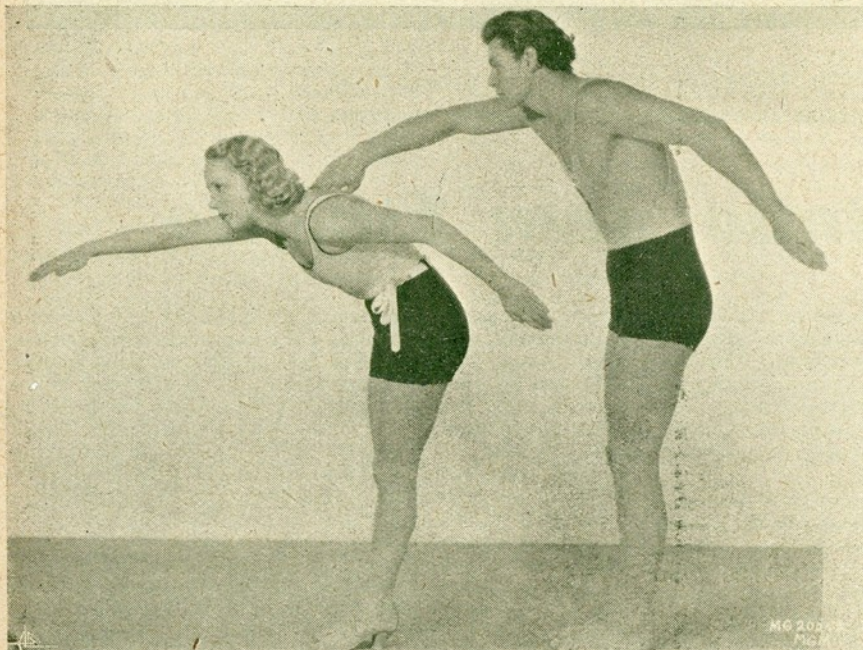
Leila Hyams, Norma Shearer, Rochelle Hudson e Carole Lombard foram as primeiras convencidas. Em Norma e em Leila tenho duas discipulas exemplares. Obedecem-me em tudo e posso assegurar que o que Norma tem em rapidez e em resistência, tem-o Leila em bom estilo e segurança.

Com o elemento masculino fui mais afortunado. Quasi todos os rapazes "sabiam nadar" e gostavam do mar. O pequeno Jackie Cooper foi o primeiro que me procurou com o fim de o ensinar a nadar, e os outros não tardaram em vir quando viram os rápidos e surpreendentes progressos do rapazito.

Antes de vir para Hollywood pensava que os seus habitantes eram seres frágeis continuamente vigiados por médicos e enfermeiras, mas tive a grata surpresa de encontrar praias, campos de desportos e ginnásios cheios de estrêlas de ambos os sexos que sacrificam umas horas diárias em prol da saúde.

Os homens em geral dedicam-se à natação e ao box, enquanto que as mulheres preferem andar com minúsculos trajes de banho a flunar pela praia. É verdade que nadam pouco, mas nem por isso deixam de aproveitar o mais possível os benefícios dos benéficos raios do sol.

Não me posso queixar. Hollywood presta bom acolhimento aos meus ensinamentos e encontro entre o elemento cinematográfico muito bons colaboradores, que poderiam dedicar-se à natação se as coisas cinematográficas não corressesem bem."



Johnny Weissmuller, campeão mundial de natação, dá algumas instruções à linda Leila Hyams

universidades, acrobatas de circo, etc., mas não ficou satisfeito até que os seus olhos pousaram na pessoa de Johnny Weissmuller.

A natação havia dado a Weissmuller um corpo magnífico, bem desenvolvido e musculado. Era além disso um homem em extremo varonil e de certo modo simpático. Por isso Van Dick perseguiu-o com ofertas, até conseguir um pequeno ensaio. Uma vez feito este, o resultado foi tam estupendo que Weissmuller foi imediatamente contratado pela "M.G.M." para fazer o papel de "Tarzan".

Johnny Weissmuller, que tem 27 anos de idade, está casado com Bobbe Arnst, uma bonita ex-estrêla musical de Broadway, que conheceu numa praia da Flórida.

Johnny começou a nadar quando tinha dez anos de idade e foi campeão do seu colégio, da universidade para onde

"Forgotten Commandments" ("Mandamentos esquecidos") é o título do filme que a "Paramount" vai fazer, dirigido por Louis Gasnier e William W. Schorr, com Siri Maritza, Gene Raymond e Irving Pichel como protagonistas. O assunto, que se baseia num drama da moderna Rússia, inclui alguns aspectos de "Os 10 Mandamentos", de Cecil De Mille.

À BEIRA DO TUMULO DE PIERRE BATCHEFF...

*Lorsque j'ai connu, il n'avait pas vingt ans,
Petit Slave échappé au soviet de Lénine,
Il était romantique, un peu gauche et charmant,
Pauvre Pierrot qui fut le Poussin de Claudine.*

*Maintenant il n'est plus qu'un nom et qui vivra
Ce que vivront les films dont il vécut l'histoire.
Puissent les fleurs semées naguère sous ses pas.
Tresser une couronne à sa jeune mémoire...*

MARCEL MANCHEZ.



Esta gravura não precisa de legenda

O par mais feliz do mundo

O amor pode sair vitorioso da luta que a influência da capital cinematográfica tem sobre os seus habitantes? Não nego que Hollywood é o sítio mais difícil do mundo para triunfar na vida de casado. Mas se perguntarmos a opinião dos esposos Arlen veremos como eles nos respondem com um «sim» cheio de entusiasmo.

Visitei os Arlen para saber como haviam logrado sair triunfantes apesar dos muitos inconvenientes que certamente se lhes apresentam a cada passo. E' que circulavam certos rumores acerca de uma possível separação por desavença entre ambos...

Os esposos Arlen acabavam de chegar de Nova York, onde haviam passado um mês de férias, e a poucos dias de haverem regressado os rumores haviam engrossado dum modo tam alarmante que eu julguei prudente averiguar a verdade para não ter os leitores na desagradável incerteza de saberem se se divorciam ou não divorciam...

Joby, assim lhe chama seu marido, Richard Arlen, recebeu-me com a sua cordialidade costumada e cinco minutos depois sabia a verdade sobre este momentoso assunto.

— Suponho que já ouviu os boatos acerca do seu próximo divórcio, minha amiga, disse num tom prazenteiro.

— Sim, em Nova York já os jornais se meteram connosco... Compreendi que tambem em Hollywood se falava de nós, e por isso resolvi regressar imediatamente, para acabar com tais boatos... Sei que se une o nome de meu marido ao de uma jovem que trabalhou com ele não ha muito... E quer saber que foi esta «menina» que começou a falar no meu divórcio?!. Por uma causa que desconheço, a rapariga pensou que seria para si de boa tática de publicidade dizer que havia alguma coisa entre ela e o Dick...

Ela fez tudo quanto pôde para chamar a atenção do meu marido. Pouco tempo depois de o ter conhecido começou a perseguir-lo... Telefonava-lhe muitas vezes às duas e três da madrugada, quando estavam a dormir, com o fim de que eu percebesse tudo e ficasse cheia de clumes...

Porque pensa que esses rumores correm tantas vezes e com tanta malícia e maldade em Hollywood? — perguntei.

— Penso que é devido à parquíssima ventura que aqui se disfruta. São tantos os matrimónios desgraçados e tam poucos os felizes, que o sentimento de inveja se apoderou dos corações para com todos os pares que se amam e são em verdade felizes!...

Os contadíssimos matrimónios que são felizes e que se amam veem-se continuamente acoçados pelos seres que não o são e que não perdem oportunidade para menear a cabeça em sinal de desaprovação ou desgosto, enquanto murmuram pelos cantos: «Vê? Pareciam amar-se muito, mas na realidade não são melhores do que nós!...»

E se lhes dão um motivo real para que possam dar à lingua, inventam então coisas fantásticas. E segundo a minha própria e pessoalissima observação — continua Joby —, posso assegurar que isto se deve à enorme transcendência que se concede ao tam discutido «sex-appeal», a tam falada «atração física» que é o mais poderoso iman da bilheteira. E é preciso não esquecer que a palavra «bilheteira» é a mais poderosa e atraente do dicionário cinematográfico...

O resultado disto é que raparigas como Mary Brian, Fay Wray e Marlon Nixon tiveram de sofrer a horrível humilhação de perder os seus contratos por não reunirem a suficiente «box office attraction», apesar de serem belas actrizes. As ingénuas foram suplantadas por Greta Garbo, Marlene Dietrich e Norma Shearer. Esta última foi nos seus primeiros



Richard Arlen, um dos maridos mais felizes de Hollywood

tempos uma ingénua insubstituível, mas teve talento e personalidade suficientes para mudar o seu tipo antes que fosse demasiado tarde...

Francamente, creio que a verdadeira razão que nos levou a triunfar no nosso casamento é que nunca nos associamos com o resto de Hollywood. Nós sabemos o que queremos, esperamos da vida e parece que ignoramos a diferença entre

Um chá em honra do Dr. Arnold Fanck

Carl Lemmle ofereceu ha dias na sua casa de Benedict Canyon, um chá em honra do Dr. Arnold Fanck, o realizador de "A Montanha Sagrada", e outros filmes passados na neve, e que para a "Universal" vai produzir "Iceberg".

Entre a assistência ao chá viam-se Lola Lane, June Clyde, Lew Ayres, Albert Conti, Víctor Varconi, Lupita Tovar, John Ford, Karl Freund e outros importantes elementos de Hollywood.

o real e o irreal. Sabemos distinguir o ouro do metal e não podemos permitir que tolices e coisas banaes ou superficiais se introduzam nas nossas vidas e nos roubem o nosso amor...

Vivemos no Lsgo Towka, que é inteiramente diferente de Beverly Hills ou Malibu Beach. Quando Dick trabalha nunca saímos de casa e sómente assistimos a umas certas festas de amizades verdadeiras e algumas vezes vamos juntos a qualquer estreia. Mas a maior parte do tempo livre passamo-lo a bordo do nosso «yacht» e não voltamos a terra firme senão às horas do trabalho de Dick.

Fui ao estúdio, ao sair da sua casa e perguntei a Dick qual a receita que empregava para estar casado e viver feliz com uma mesma mulher durante mais de cinco anos em Hollywood. Perguntei-lhe:

— Acha que uma felicidade absoluta é necessária para um casal muito satisfeito?

— Eu creio que é vitalmente necessário que a mais absoluta fé e confiança reine entre um matrimónio e a felicidade é parte de isso. Mas em análise final creio que tudo depende de uma coisa: é necessário que tanto o homem como a mulher estejam sinceramente enamorados um do outro, e Joby e eu estamos como você vê...

Tenho de confessar, e por sinal cheia de satisfação, que os esposos Arlen tem outros imitadores que se amam tam sinceramente como eles. São assim Charles Farrell e Virginia Valli, Leila Hyams e marido, Norma Shearer e Irving Thalberg... Outros ha que tambem são ditosos, mas neste momento não me veem à memória... Mas são multíssimos mais os que continuamente estão a zangarem-se, a separarem-se e a divorciarem-se!...

Laura Benha.

GRETA GARBO SAI DA «M-G-M»?

Greta Garbo, que parece não renovar o seu contrato com a «M-G-M», pensa produzir independentemente uma ou duas fitas por ano.

Alguns dos casamentos mais felizes de Hollywood

Os jornais e revistas cinematográficas publicam assuntos escandalosos e de mau gosto, mas muito poucos escrevem um simples artigo sobre a vida de um casal completamente feliz da Cinediária.

Como isto é uma grande injustiça, aqui me teem a lembrar alguns dos casamentos mais felizes de Hollywood.

Começarei por Conrad Nagel, já que nem a mais pequena sombra de discórdia se projectou sobre o seu lar.

Conrad Nagel está casado com Ruth Helms, que não é artista do cinema e tem uma filha. É considerado este matrimónio como o mais feliz de Hollywood.

Richard Arlen divorciou-se da sua primeira esposa e o filho de ambos ficou em poder da mãe, mas em 1927 voltou a contrair núpcias com a linda «estrela» Jobyna Ralston, e até hoje teem sido felicíssimos. A casa que possuem em Towka Lake é um modelo de beleza, de bom gosto, de comodidade, harmonia e carinho, pois Jobyna tem sempre o cuidado de que nada falte ao seu esposo quando chega do estúdio.

George Arliss casou-se em 1899 com Florence Montgomery e desde então tem vivido no mais completa ventura.

O galã suéco Nils Asther casou com Vivian Duncan, de quem ha pouco teve uma filha. Vivian retirou-se das variedades e do cinema para dedicar todo o seu tempo ao seu lar, ao marido e à filhinha.

George Bancroft está casado com Octávia Broske, uma antiga cantora de opereta, e teem uma filha, Georgette, de nove anos de idade.

June Collyer surpreendeu ainda não ha muito tempo as pessoas das suas relações, casando-se com o simpático cómico Stuart Erwin, — e não se pode negar que são felizes.

A bellissima Vilma Banky casou-se com Rod la Rocque e até ao presente nenhum se queixou do outro.

O inconstante John Barrymore divorciou-se duas vezes antes de se casar com Dolores Costello. Toda a gente pensou que a terceira boda terminaria com outro divórcio, mas não aconteceu assim.

Richard Barthelmess esteve loucamente apaixonado por Constance Talmadge... Em 1920 Richard casou-se com a bailarina Mary Hay, de quem teve uma filha, mas um dia esta confessou que amava outro homem, e Richard concordou com o divórcio, combinando ficar cada um durante seis meses com a pequenita. Richard casou-se novamente com Jessica Sargent em 1928 e o seu matrimónio é um dos mais tranquilos da colónia cinematográfica.

Warner Baxter casou-se em Nova York em 1917 com Winifred Bryson, que para não desgostar o marido raramente trabalha no cinema.

Noah Beery é o orgulhoso director de um clube para pescar trutas, e o feliz marido de Marguerite Abbott, com quem se casou em 1910 e de quem teve um filhinho.

O seu irmão Wallace casou-se ha alguns anos com Gloria Swanson, mas quando esta se converteu numa das mais

solicitadas «estrelas» do cinema pediu o divórcio, que Wallace concedeu com a sua habitual amabilidade. Em 1924 voltou a casar-se com Areta Gillman, que, como êle, é uma entusiasta pela aviação.

O veterano do «écran» Monte Belue divorciou-se da sua primeira esposa em 1923 e um ano mais tarde tornou a casar-se com Tova Jansen. Teem dois filhos — Bárbara Ann e Richard Monte.

William Boyd aventurou-se duas vezes à sorte grande do casamento sem bom resultado, mas pela terceira vez caiu em poder da bellissima e intelligente Dorothy Sebastian, e é completa a sua felicidade.

Mildred Evelyn, famosa «estrela» dos palcos londrinos, casou-se em Londres em 1921 com Clive Brock e tem duas crianças muito sãs e robustas.

John Mack Brown é o feliz marido de Harriet Brown.

Douglas Fairbanks filho e Joan Crawford são o exemplo mais completo de um casamento cinematográfico feliz.

O casamento teve lugar na dia 3 de Junho de 1929 e vivem hoje como no primeiro dia de casados.

Bebe Daniels e Ben Lyon casaram-se o ano passado.

Dolores Del Rio foi pouco ditosa com o seu primeiro marido, que faleceu ha algum tempo, mas agora a sorte voltou a sorrir-lhe desde a sua união a Cefric Gibbons, famoso decorador de interiores da «M.G.M.», que lhe ofereceu uma casa modernista que assombrou todo Hollywood.

Mary Pickford e Douglas Fairbanks casaram-se em Março de 1920, e a despeito de circularem de tempos a tempos boatos sobre a sua separação ou divórcio, vivem na mais completa e tranquilla felicidade.

Janet Gaynor contrahiu matrimónio em 1929 com Lydell Peck e toda a gente pensou que Charles Farrell iria morrer de desgosto. Custou-lhe um bocado, sim, mas em princípios deste ano casou-se com a intelligente e culta Virginia Valli.

(Continua na página 15).



O Mojica tem já inúmeras simpatias entre o nosso público. "Um Príncipe que nunca Amou", super-produção da "Fox", falada e cantada em espanhol, que brevemente será exibida entre nós, é a melhor criação do famoso artista.

Naquele dia, ia desenrolar-se na grande cidade de uma cerimônia pomposa. Toda a população corria para uma grande praça, onde avultavam duas massas imponentes, veladas de pano. Devia inaugurar-se nessa manhã um monumento à beneficência, o qual comportava duas estátuas, simbolizando uma o Auxílio e outra a Protecção.

Começou a cerimônia pelo discurso laudatório dum cavalheiro que pronunciava frases bombásticas feitas de palavras banais como os cantos das ruas; sucedeu-lhe depois uma mulher de voz de falsete, que se esganiçava toda como se a voz fosse arrancada dum instrumento enferrujado.

Mas o público, entusiasmado, aplaudia calorosamente os oradores.

Tratava-se agora de descobrir o monumento. O povo estava tam apinhado que foi preciso fazer diversas tentativas, tendo de intervir a polícia para o afastar. Por fim, caiu o véu, e o público teve a surpresa de ver, nos braços da deusa da Protecção, um pequeno mendigo dormindo. Era tam profundo o seu sono, e tam sossegado, que nem os discursos dos oradores nem os aplausos dos ouvintes tinham conseguido acordá-lo.

Ao verem-no, porem, levantou-se tal gritaria que o mendigo despertou em sobressalto, os agentes da ordem correram para ele a fim de o expulsar, assistindo-se então a uma corrida épica, tendo o pobre diabo ficado com as calças rasgadas, na luta, pela espada duma das estátuas. Por fim, conseguiu esgueirar-se e desapareceu entre a multidão, tam calmo e tranqüillo como se nada se houvesse passado.

Charlot era um pobre vagabundo que errava pela cidade, de rua em rua, parecendo não dar pela gente que formigava à sua volta. Caminhava como se estivesse num sonho emparelhado dentro dos seus próprios pensamentos.

Era sózinho no mundo. Coração terno e

amável, tinha necessidade de afeição. Mas quem se atreveria a baixar os olhos sobre um miserável cuja única fortuna era uns sapatos esburacados, um velho coco fora da moda e uma bengalhinha de junco? Eram esses os haveres do pobre rapaz; e, quando passava ao longo das ruas, de olhos no firmamento, idealista e filósofo, desprendido das coisas do mundo, toda a gente o fitava rindo e zombando dele. E o demônio do homenzinho nem sequer pedia esmola.

E a sua distração era tam grande que parecia milagre não ser atropelado pelos automoveis que circulavam em todos os sentidos. Nessas ocasiões, tornava-se mesmo um verdadeiro perigo publico. Mas o acaso devia um dia compadecer-se dele e colocar no seu caminho o rosto da felicidade.

Certa manhã, ao virar duma esquina para entrar numa praça, Charlot descobriu uma donzela encantadora, que estava a pé ao lado dum cabaz de flores. Era uma criatura loira, de faces ridentes, mas duma calma impressionante.

Charlot aproximou-se dela com extremos de precaução, pois sabia que não agradava às mulheres. Mas o silêncio da donzela deu-lhe ânimo para persistir.

Estava diante da florista a remexer nos bolsos, para ver se encontrava alguma moeda esquecida que lhe permitisse comprar um cravo ou uma rosa à linda rapariga, quando parou junto dela um automóvel luxuoso.

Era um Rolls sumptuoso, de que saiu um cavalheiro vestido no rigor da moda, o qual comprou algumas flores e voltou a subir para o carro.

Produziu-se então um estranho incidente. Charlot ficava diante da donzela e foi ele quem recebeu os agradecimentos. A florista pôs-se a sorrir-lhe gentilmente, como se estivesse sorrindo para a própria fortuna, e o vagabundo sentiu-se invadido dum sentimento de orgulho

“Luzes da Cidade”



Pantomima escrita e dirigida por Charlie Chaplin (Charlot), editada pelos Artistas Associados.

Distribuída por Castelo Lopes, Limitada.

PRINCIPAIS INTERPRETES

Charlie Chaplin ... Um vagabundo Harry Myers Um milionário
Virginia Cherrill ... Uma jovem cega Allan Garcia ... Criado de quarto
Florence Lea Avó da cega Hank Mann Boxeur

que deu uma certa importância à sua mesquinha personalidade.

A donzela julgava que era ele o abastado cliente e Charlot não a podia abandonar. Como se dirigisse para uma fonte, a fim de refrescar as flores, mas andasse às apalpadelas, descobriu ele então que a encantadora criatura era cega.

Não via, e fôra por isso que lhe dera aceitação, pois que, se assim não fôsse, o teria denunciado aos agentes da ordem como um malfeitor.

Pela primeira vez na sua vida, o vagabundo Charlot passava por um homem rico; e, como se não pudesse suportar o peso da sua felicidade, sentou-se de encontro às grades do parque, enquanto a donzela refrescava as flores. Esta, querendo despejar uma jarra em que havia água choca, arremessou o conteúdo ao rosto do adorador, que não proferiu palavra.

Encontrára desta forma, pensava Charlot, uma pobre criatura como ele, um ser miserável, abandonado de todos no mundo e que sofria as dores mais cruéis.

Tinha agora uma única aspiração na sua vida: tornar a ver a donzela, e voltava, por isso, quasi todos os dias. A florista reconhecia-o pela voz e oferecia ao vagabundo um sorriso, cheio de gratidão, julgando sempre que era o homem rico, que num certo dia lhe pagara um ramo por tam elevado preço. E agradecia ao seu protector por se ter mostrado tam bom, por empregar a sua fortuna em suavizar a sorte dos pobres.

Charlot recebia aqueles testemunhos de amizade com uma espécie de deslumbramento. Notava agora que era para a donzela uma verdadeira razão de viver; e ele mesmo, quando a abandonava, sentia necessidade de se recolher à solidão, afim de continuar o seu sonho longe dum mundo malvado e hostil.

Numa tarde, depois de se despedir dela, o vagabundo ia seguindo pela margem dum rio, quando teve um singular encontro. Um homem chique envergando fato de cerimonia, mostrava desejo de acabar com a vida. Era uma mania de êbrio, mas que, depois de se lhe meter uma ideia tola na cabeça, não é capaz de a por de parte.

Então Charlot agarrou-se ao homem, travou com ele rija luta, mas não tardou a ser arrastado para a água com o alcoólico. Querendo, porém, desempenhar até o fim o seu papel de salvador, conseguiu salvar o maniaco ricoço, que a todo o custo se queria suicidar. Charlot julgava que a sua boa acção ficaria por all, mas o bêbedo, cheio de reconhecimento, apertou o vagabundo nos braços e jurou-lhe uma amizade eterna. Afirmou que não queria separar-se do seu salvador, e conduziu-o a sua casa, uma vivenda magnífica, ficando toda a criadagem assombrada com a miséria que revelara o fato andrajoso de Charlot.

Tentaram os domésticos pôr o vagabundo fóra da porta, mas o milionário teimou em conservá-lo junto dele até de manhã. Começou então para Charlot uma existência imprevisita e movimentada. O milionário que o recolhera, quando estava êbrio, caía-lhe nos braços e afirmava não poder separar-se dele; mas, desde que regressava ao seu estado normal tratava o pobre Charlot com modos ásperos e impertinentes. Considerava-o um intruso e fazia-o expulsar de casa como um fardo inutil. Charlot, porem, que era filósofo, estava já acostumado a aqueles contratemplos, e havia na sua vida um

grande amor que o impedia de olhar as coisas feias da terra.

Seguira a pobre cega desde o local em que ela vendia flores até sua casa. Muitas vezes subira as escadas que conduziam à humilde choupana onde a donzela vivia em companhia de sua avó. Continuava a florista a acreditar que era o milionário que lhe ia fazer a corte e ouvia com uma espécie de embevecimento as palavras do seu apaixonado.

Mas um dia o vagabundo, ao dirigir-se à praça onde a florista costumava encontrar-se, teve um baque no coração: o lugar estava deserto. Inquieto, foi colher informações, e soube que a pobre rapariga tinha adoecido.

Sentiu um abalo extraordinário, pois conhecia a situação da cega; sabia que ela não podia contar com ninguém no mundo, a não ser ele. Tinha o dever de a auxiliar. E esse pensamento deu-lhe coragem. Pela primeira vez na sua vida, o vagabundo abandonou a sua existência ociosa e as suas corridas sem destino através da cidade. Fez-se contratar como cantoneiro e começou a cumprir corajosamente aquele officio pouco alroso para um filósofo.

Andava agora de carrinho de mão através das ruas, e, como continuava a sonhar durante o trabalho, muitas vezes arriscou a vida por não ver a tempo os perigos que o ameaçavam. Pensava unicamente no seu amor; e logo que soava a hora do almoço, o vagabundo tornava-se o rico protector da cega.

As poucas moedas que penosamente ganhava guardava-as para ela; esquecia as fígadas do estômago e deixava de comer para que a ceguinha pudesse subsistir. A situação do desgraçado tornava-se cada vez pior; as poucas economias reunidas estavam esgotadas. Avó e neta encontravam-se sem recursos e o vagabundo surpreendeu um dia em cima da mesa uma folha de papel timbrado. Era uma coisa do tribunal intimando às infelizes ordem de





Lucien Baroux, o excelente cómico francês, com a linda Jeanne Boitel numa cena da engraçada comédia "Escorregar não é cair" ("Le Petit Écart", produção Günther Stapenhorst, da "Ufa",

despejo se não pagassem imediatamente ao senhorio. Diante daquele infortúnio, Charlot, como bemfeitor que possui recursos inesgotáveis, afirmou à donzela que não tardaria a levar-lhe o dinheiro de que precisava. E continuou a desempenhar o seu papel de milionário.

Mas era recompensado, além de toda a expectativa, pela afeição terna e ardente amor da pobre pequena.

Logo que se viu na rua, porém, o problema surgiu diante dos seus olhos com uma realidade brutal.

Fizera uma promessa que tinha de cumprir. Mas como? O seu primeiro pensamento foi para o amigo ébrio e correu a bater à porta do milionário.

Apenas pronunciou o seu nome, os criados escuraçaram-no como um tipo imundo. O patrão não estava em casa, e eles aproveitaram o ensejo para tratar o vagabundo de acordo com os seus méritos.

Falhando-lhe aquela primeira tábua de salvação, tinha de procurar outra. Foi então que o vagabundo soube que andavam em busca dum parceiro para um combate de box.

Apresentou-se. Ofereceu o seu magro esqueleto aos muros pesados como clavos dum colosso. Fez prodígios de energia, mas a energia não bastava. Foi posto *knock-out* e apupado pela multidão.

Recebera pancada inutilmente. Era agora um homem ao mar. E a sua amargura não tinha limites, porque havia uma outra pessoa a sofrer.

Voltou-lhe, contudo, a esperança quando, errando através das ruas, se lhe deparou o ébrio, que regressava da sua viagem.

O milionário, como estava bêbado, caiu novamente nos braços do amigo encontrado, num grande transporte de amizade. Levou-o para casa e Charlot aproveitou o ensejo para falar ao milionário da sua amiguinha. Contou-lhe a situação da enferma, e o ricoço deu ao vagabun-

do não só o dinheiro necessário para pagar as dívidas da donzela mas ainda para ela fazer uma operação que lhe restituísse a vista.

Naquele momento, porém, alguns malfeteiros, que se tinham introduzido em casa enquanto os dois amigos discutiam a sorte da rapariga, precipitaram-se sobre eles e o milionário foi dominado.

O vagabundo chamou a polícia e os gatunos fugiram, levando a carteira do ricoço. Foi então que o ébrio recuperou os sentidos, e, voltando ao seu estado normal com o abalo sofrido, não reconheceu o amigo, como sucedia sempre. Denunciou-o à polícia e Charlot mal teve tempo de fugir para ir entregar o dinheiro à ceguinha. Tornando a ser apinhado pela polícia foi condenado a longos meses de prisão.

Ao sair da cadeia, voltou a ser o miserável que era, coberto de antraxos; ia andando pela cidade, sob a chacota da garotada, que o tratava impiedosamente.

Voltou ao local em que costumava estar a sua amiguinha. Não a encontrou. Continuou a vagabundear até o momento em que o acaso o colocou de novo em frente da sua protegida, agora proprietária dum lindo estabelecimento de flores e curada da sua enfermidade, graças ao dinheiro que êle lhe dera.

Era maravilhosamente bela. Descobriu a silhueta do vagabundo que, petrificado, a contemplava através da montra, com olhos cheios de adoração.

Bastante embaraçada pela insistência dos olhares daquele homem, que não conhecia, saiu do estabelecimento e ofereceu-lhe, com um sorriso, uma flor e uma esmola.

De olhos fixos na donzela, o vagabundo aceitou apenas a flor; mas, ao tentar meter-lhe o dinheiro na mão, a florista sentiu um estranho sentimento apoderar-se dela em face do olhar insistente do maltrapilho.

E então julgou adivinhar. Como nos tempos da sua enfermidade, tocou-lhe, e a sua mão reconheceu-o. Compreende que é aquele o seu bemfeitor, que ela julgava rico e feliz.

E para êle, será a felicidade que chega?...

Novo filme de Charlie Chaplin

Notícias recebidas de Hollywood, dizem que os representantes de Charlie Chaplin naquela cidade foram informados de que a próxima fita de Charlot levará o título provisório de «The Jester». Será uma película falada, com excepção de Charlie Chaplin, que interpretará o papel de surdo-mudo.

A «M-G-M» acaba de adquirir ao autor francês Henry Bernstein os direitos de filmagem das suas peças «Felix» e «A Garra».

Um filme audacioso de Carl Dreyer

Estreou-se há dias no teatro da «Ufa», em Kurfuerstendamm, a fita «Vampyr», o novo trabalho do realizador dinamarquês Carl Th. Dreyer, o famoso realizador de «Amo e Senhor» e «Joanna d'Arc».

Desta vez, Carl Dreyer escolheu um assunto granguinholesco, essencialmente vanguardista, que dividiu o público da estrela em dois campos inimigos, um com tempestuosos aplausos, outro protestando violentamente. Nos corredores do «Ufa», alguns exaltados cinéfilos chegaram a vias de facto.

Ha quem compare «Vampyr» a «O Gabinete do Dr. Caligari», que tanta celeuma levantou. Entre as cenas de «Vampyr» destacam-se: A dança dos fantasmas; a symfonia do terror; a agonia do pai; a colocação no caixão; o requiem; a sonorização macabra.

Parece que Nebenzahl, director da casa alemã «Nero-Film» contratou imediatamente Carl Dreyer.

Aviso

Devido aos elevados encargos que acarreta a exhibição de «Luzes da Cidade», a Empresa do «Trindade» reduziu as entradas com bonus aos leitores de «Cinema» a 200 plateias e 20 camarotes. Em compensação, porém, o desconto concedido passa de 40 para 50 %.

Estas alterações só vigoram durante a projecção deste filme.

C
I
N
E
M
A
10



As senhoras vão usar trancinha! Assim no-lo indica o novo penteado de Norma Shearer, a insinuante «estrela» da «M-G-M»

Faleceu na quinta-feira, 12 do corrente em Paris o veterano actor teatral Maurice de Féraudy, que tinha sido intérprete de alguns filmes, entre os quais «Crainquebille» e «Blanchette».

Edmund Goulding, que recentemente dirigiu «Grand Hotel», para a «M-G-M», vai dirigir a próxima fita de Marion Davies para aquela casa, «Good Time Girl», da autoria de Frances Marion, com d'álogos de Anita Loos. Os mais recentes filmes de Marion Davies para a «M-G-M» são «O Pai Celibatário», «It's a Wise Child», «Five and Ten» e «Polly of the Circus».

Na quarta-feira, 11 de Maio, estreou-se no «Rivoli» de Nova-York «O Congresso que Dança», da «Ufa», que foi muito bem acolhido. A estreia assistiu Jimmy Walker, o governador de Nova-York.

Janet Gaynor e Charles Farrell estão interpretando para a «Fox», sob a direcção de William H. Howard, a fita «The First Year» («O Primeiro Ano»).

Substituindo o falecido Louis Mercanton na direcção de «Passionnement», a «Paramount» colocou Rene Guissart, que recomenço quasi todas as cenas. Os principais intérpretes deste filme são Fernand Gravey, Florelle e René Koval.

Henry Garat e sua esposa Betty Rows estão em Berlim, hospedados na Pension Impériale. Garat vai interpretar para a «Ufa» a versão francesa de «Um Sonho Branco», com Lilian Harvey.

Na nova fita de Ramon Novarro «Huddle», de assunto desportivo, para a «M-G-M», tomam parte três estreadas, Theodosia Smith, Lilian Dudley e Tevis Gibson, da sociedade de Chicago. Coadjuvando Ramon Novarro, figuram nos principais papéis Madge Evans, Una Merkel e Ralph Graves.

Louise Fazenda começou uma série de comédias em duas partes para a «Universal».

Dentro e Fora dos Estúdios

Já começaram as primeiras cenas de «Footlights», a nova fita de Buster Keaton para a «M-G-M», dirigida por Edward Sedgwick. O assunto trata dum professor que recebe uma herança e pretende transformar-se em produtor teatral.

Acaba de se constituir em França uma nova firma «Coopera Film», da qual fazem parte André Bauge, Nicolas Rimsky, e Armand Bernard.

Na segunda-feira, 9 do corrente, deu-se um incendio nos estúdios da «Tobis» em Epinay-sur-Seine.

O sinistro, proveniente dum curto-circuito, deu-se numa das salas de mon-

tagem, mas, devido à construção especial dos estúdios, foi dominado em 10 minutos. O suficiente, no entanto, para que ardessem os negativos de «Rapaz ou Rapariga», de «Mastroncinque» e diversas cenas de «Danton», cobertos, porem, pelo seguro.

Com grande exito está sendo exibida no cinema «Europa», de Nova-York, a fita alemã «Liebeskommando» («O Cadete do Amor»), com Dolly Haas e Gustav Froelich.

Dolly Haas, a jovem actriz alemã que ainda esta época veremos em «O Cadete do Amor», com Gustav Froelich, vai interpretar a versão alemã de «Les Mirages de Paris», que «Pathé Natan» vai produzir.



Louise Lagrange, Jeanne Boitel e Lucien Baroux na divertida comédia «Escorregar não é cair», falada e cantada em francês, que Reinhold Schünzel dirigiu (produção Günther Stapenhorst para a «Ufa»)

Carta de Hollywood

(Atrazada na Redacção)

Já não vos peço desculpas. Vocês não as receberiam, nem, talvez, acreditariam que o atrazo da minha correspondência para aí foi agravado com uma ausência de três semanas de Hollywood, passadas em Nova-York, que visitei pela primeira vez desde há mais de três anos. Viagem com muito pouco de objectivo cinematográfico, porque, para assuntos de cinema, bem me basta Hollywood; e quando um mortal se põe em contacto com Nova-York, quando se «apalpa» Broadway, até se esquece, na verdade, do cinema...

A pesar disso, sempre dei uma fugida ao «Paramount», em Times Square, onde vi a pedra de Portugal no *Hall of Nations*, a qual não estava ainda colocada quando, pela última vez, visitei o «Paramount». Vi o «Europa», um cinema pequetinho, muito engraçado, que não tem mais do que 280 a 300 lugares e que se dedica à exhibição de filmes alemães; este cinema conservou no seu *écran*, durante um ano consecutivo, a fita alemã «Zwei Herzen am 3/4 Takt», e, quando lá estive, ha dias, estava na 7.ª semana outra fita germânica «Das Lied Ist Aus».

Dei uma fugida ao «Rialto», só para ver a Marlene Dietrich em «Shangai Express», que está fazendo grande successo, e, no dia 23 de Março, na véspera da minha partida de Nova-York, consegui assistir à estrela do esperado filme «One Our With You», com Chevalier e Jeanette MacDonald; e consegui, porque o filme se estreou simultaneamente no «Rivoli» e no «Rialto», mas não foi sem dificuldade que obtive um bilhete para a estrela, um bilhete de 2 dólares, tal a afluência do público para ver esta fita de Chevalier e de Lubitsch.



De Lubitsch? O George Cukor, que realizou «One Our With You» para a «Paramount» não é desta opinião.

A fita foi, na verdade, realizada por Cukor nos estúdios de Hollywood, e Ernst Lubitsch foi o «supervisor». E como tal foi anunciada. Mas a «Paramount» põe e Herr Lubitsch dispõe. Este alegou que foi elle quem teve o trabalho todo com a fita, que foi mais do que o que é habitualmente da competência do «supervisor», que foi elle quem teve o trabalho todo com a fita, que foi mais do que o que é habitualmente da competência do «supervisor», que foi elle quem dirigiu a maior parte das cenas, etc., etc. E de tal modo barafustou, que a «Paramount», talvez com a esperança (que acaba de realzar-se) de que Lubitsch voltasse a trabalhar para a sua marca, fez-lhe a vontade e lá pôs o nome de Lubitsch em letras muito gordas, na sua propaganda de «One Our With You» — Uma produção de Ernst Lubitsch... O George Cukor é que não ficou muito satisfeito e ameaçou processar a «Paramount». Ha dias, porem, chegaram todos a um acôrdo, um acôrdo absolutamente inesperado.

A «Paramount» prometeu mencionar tambem o nome de George Cukor, este continua com aquella marca, com autorização para ir dirigir um filme para a «Radio», e o Ernst Lubitsch, em vez de ficar em Nova-York, onde pensava dirigir uma peça teatral de grande aparato, com a cooperação de Albertina Rasch, firmou novo contrato com a «Paramount» e já está de volta a Hollywood.

A colónia cinematográfica ficou satisfeita, porque do escandalo e de tribunais está Hollywood cheia, e tambem, na verdade, porque todos apreciam aqui o talento de Herr Lubitsch.



C
I
N
E
M
A
Greta Garbo sai ou não sai da «M-G-M»? Regressa ou não à Suécia?
Não se sabe. Os boatos correm por aqui, murmura-se por todos os lados, mas a Garbo não diz nada e as gentes de Culver City ainda menos. Apenas se sabe que estão sendo filmadas as primeiras cenas de «As You Desire Me», de Pirandello, em que Garbo interpreta a protagonista, com Owen Moore, Melvyn Douglas e Eric von Stroheim.

E depois?

Hollywood, 10 de Abril de 1932.

JOÃO PORTUGAL.

P. S. — Vou ver se consigo recuperar o atrazo em que estou para convosco. 12 Daqui a poucos dias mandarei mais notícias. Mas... sem compromisso formal...

Biografias

Loretta Sayers

Loretta Sayers era uma das principais figuras da juventude de Larchmont. Arbitro daquela sociedade formada por jovens de ambos os sexos das melhores familias e considerada como a mais preciosa entre todas as raparigas, Loretta gosava de todas as facilidades inerentes a uma posição desafogada e a uma boa reputação social.

Mas na sua cabecita de cabelos loiros voava o pássaro azul da ilusão... Muitas vezes havia suspirado e invejado as «estrelas» cinematográficas, desejando poder ser uma de elas...

Um dia, há apenas seis meses, a «Columbia Pictures» organizou, por intermédio da imprensa, um concurso de «caras novas», a fim de eleger entre as concorrentes duas ou três raparigas cuja beleza e aptidões correspondessem aos desejos desta empresa de «fabricar» novas estrelas...

Loretta apresentou-se e poucos dias depois firmava um contrato com a «Columbia». Para chegar a este apogeu da carreira que tam risonha se apresentava ante a bela jovem, teve certamente de se submeter a algumas provas... Por exemplo: as fotogénicas, as microfónicas, etc. E o resultado, como dissemos, foi um contrato... Imediatamente começou a trabalhar e fez o seu «début» numa película de Buck Jones. Depois seguiram-se outras interpretações insignificantes que serviram de prática para a jovem.

Durante estes meses o seu trabalho tem sido activo e digno de todos os encômios, ja que actualmente lhe foi conferida a honra de aparecer num filme como «dama jovem», compartilhando os louros de fama com Jack Holt e Richard Cromwell.

Loretta Sayers é loira e possui uns magníficos olhos azues.

Nesta semana fazem anos:

De 21 a 27 de Maio

- Maio 21 — Robert Montgomery (28).
21 — Armida.
21 — Lola Lane.
23 — Douglas Fairbanks (49).
23 — Dorothy Lee (21).
23 — George O'Hara.
24 — Creighton Hale.
25 — Sally Phipps (23).
26 — Al Jolson (46).
26 — Paul Lukas (36).
26 — Norma Talmadge (35).
26 — Ben Alexander (21).
27 — Mary MacAllister.
27 — Joseph Von Sternberg, realizador.



Este lindo perfil pertence à loira Loretta Sayers, uma luz muito brilhante na constelação da «Columbia».
Quando é que veem fitas da «Columbia»?

Pelas nossas Cinemas

UM HOMEM FELIZ (Le Vainqueur): — Tenho uma admiração especial por Erich Pommer. As obras filmicas que teem trazido o seu «visto», as que teem apresentado o seu sinal de conferência, sempre teem merecido o o. k. do público e da crítica, porque, até agora, sempre os seus filmes teem revelado uma meticolosidade extrema em cada um dos pormenores da produção, parcelas observadas cuidadosamente para a distinção do todo, que não pode deixar de impressionar o público, mesmo que elle não saiba explicar o «porquê» de tal impressão, que sempre agrada ao crítico, que, por muito exigente que seja, não pode deixar de receber com satisfação trabalhos cinegráficos bem cuidados, feitos com orientação, com sentido filmico, sempre, mais ou menos, com utilização moderna, sempre a impôr o nome de Erich Pommer como o primeiro *producer* europeu.

E «Um Homem Feliz» é um Erich Pommer. Fugindo às cine-operetas que teem sido exibidas esta temporada, trata-se, agora, duma comédia musical imaginada pelo espirito fantasista de Robert Liebmann, desta vez coadjuvado por L. Frank. Na primeira metade da película — e aqui os camaradas Liebmann e Frank, que foram os cenaristas, teem certa dóse de culpa — ha' alguns quadros,

seqüências até pouco construtivas, que se veem, por assim dizer, indierentemente, a prejudicar, ligeiramente embora, o interêsse que já devia merecer nessas quatro ou cinco bobinas. Na segunda parte, porém, parece que todo o cenário leva uma revira-volta, e «Um Homem Feliz»



ganha em acção, apparece-nos insuflado de movimento, com situações curiosas, com *trouvailles* excelentes, numa perfeita aliança entre as idéas de Liebmann e Frank e a super-visão de Pommer, e, de-certo, a direcção de Hans Hinrich e Paul Martin. Mas confesso que não conheço estes dois realizadores. E se se

trata de dois novos que Erick Pommer quis lançar, hemos de concordar que foram bem apadrinhados. Mas só quando v'ir outros trabalhos seus poderei apreciá-los, porque «Um Homem Feliz» deve ter sido trabalho quasi exclusivo de Erich Pommer.

Kate de Nagy e Jean Murat apparecem à cabeça da interpretação. Ela, uma primorosa actriz, de que já gostei imenso em «A Loucura de Monte-Carlo» e «A Princesa Encantadora». Bonita, elegante, de intelligente olhar, diz com intenção, como actriz consagrada. É um grande elemento da «Ufa», esta Kate de Nagy! Quanto a Jean Murat, não me pareceu muito à vontade, desta vez. Gostei mais do seu trabalho em «A Loucura de Monte-Carlo» e «O Sr. Director». E depois, Vocês não acham que o Murat está ficando velho? Creio bem que a «Ufa» tem que procurar outro galã francês para Kate de Nagy, como Henry Givat para a Lila Harvey. Mas qual ha-de ser? O ide está êle? O melhor é ensinarem francês ao Willy Fritsch!...

Dos restantes elementos da interpretação, destacam-se Le Gallo, no millonário Ponta, Marguerite Templey, na costureira, e Jeanne-Marie Laurente na mãe de Kurtner. Todos magníficos, dentro da importância dos seus papéis.

«Um Homem Feliz» é uma bela produção de Erich Pommer, sobretudo na segunda metade, em que a sua influencia melhor se faz sentir. E a graciosa Kate de Nagy — a Kate de Nagy!... Acho que é melhor nem dizer mais nada! Vão ver... para creem...

Autores: Léonhard Frank e Robert Liebmann. Cenaristas: Os mesmos. Autor musical: Warner R. Heymann. Diálogos e copias de Jean Boyer. Fotógrafo: Gunther Rittau. Director de som: Fritz Thiery. Decorador: Erick Kettehut. Realizadores: Hans Hinrich e Paul Martin, com a supervisão, nesta versão francesa, de André Daven. Intérpretes: *Hélène*, Kate de Nagy; *Robert Kurtner*, Jean Murat; *O Milionário Ponta*, Le Gallo; *Hunter*, Pierre Brasour; *A mãe de Kurtner*, Jeanne-Marie Laurent; *O director do Hotel*, Gaston Jaquet; *a costureira*, Marguerite Templey; *a criada de quarto*, Andrée Lorrain.

Produzida em 1932 por ERICH POMMER (Ufa). Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Lda. Estreada no «Trindade» em 17 Maio 1932.

NO PAÍS DOS SORRISOS: — Não conhecia esta opereta de Franz Lehar, e ignorava que tivesse tam poucas qualidades para ser levada à tela. «No País dos Sorrisos», que está produzida com certa riqueza material de guarda-roupa, de decorações artificiais, etc., será uma boa opereta teatral, mas está muito longe de ser uma opereta cinematográfica, como seria *mistér*, visto que de cinema estamos tratando. É uma obra estática, que foge às mais pequenas exigências do cinema, e segue de principio a fim as normas teatrais, do teatro sem movimento, de acção estagnada, que nos obriga a ouvir, em toda a sua extensão, as intermináveis tiradas declamativas dos seus intérpretes, ou, no caso desta película, os seus demorados prodígios vocais, com acompanhamento das respectivas caretas.

Richard Tauber canta muito bem. Todos sabem que é o primeiro tenor alemão. O filme tem um conjunto de ma-

“Colecção de Sempre”

Conforme já tivemos ocasião de dizer, a edição do terceiro volume desta colecção, intitulado

“A Vingança do Moribundo”,

encontra-se um pouco atrasada, não sendo possível, apesar de toda a nossa boa vontade, conclui-la antes do dia 6 de Junho, data em que os possuidores dos numeros 14 a 17 de CINEMA poderão requisitar os volumes a que teem direito, em todas as agencias da provincia e nas casas já indicadas do Porto e de Lisboa.

A publicação destas obras sofre uma interrupção temporária, só devendo recommençar em Outubro proximo, com o volume intitulado

“O CRIME DE LUIZA”,

da autoria do conhecido escritor francês contemporâneo

Jean Bouvier.

Daqui até lá vamos procurar vulgarizar a «Colecção de Sempre» fazendo-a entrar em todos os lares, para o que promoveremos a venda ao publico de uma segunda edição das obras já publicadas, pelo mesmo preço que as fornecemos aos leitores. Anima-nos a uma tal resolução a certeza em que estamos de que da expansão destas obras resultará infalivelmente uma maior expansão de CINEMA.

gníficas vozes. Pode deliciar os que gostam de opereta teatral.

Eu, no cinema, gosto das operetas cinematográficas, como «O Caminho do Paraíso» ou «Dois Corações a Compasso». E quando quero ouvir obras do género de «No País dos Sorrisos», vou antes ao «Sá da Bandeira», à Companhia do Armando de Vasconcelos. E se quiser ouvir vozes maravilhosas, compro um disco do Tito Schippa ou do Richard Tauber. Ao menos, ouço-os, sem lhes ver a cara...

Programa Comp.^o Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Olimpia» em 16 Maio 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

A próxima fita de Georges Milton

O novo filme de Georges Milton, o popular Bouboule de «O Rei dos Borlistas» e «O Rei da Graxa», será «Embrassez moi» («Beija-me»), que ha anos foi produzido como filme silencioso, com Prince (Salustiano) como protagonista.

Fala-se em Huguette ex-Duflos para interpretar a primeira figura feminina.

Alguns dos casamentos mais felizes de Hollywood

(Continuação da página 7)

Neil Hamilton é outro exemplo de esposo modelo. Neil não só não olha outros olhos que os da sua mulher como também é incapaz de ir a algum sitio sem que ela o acompanhe.

A loira Phyllis Haver deixou a sua carreira cinematográfica para se converter na esposa do millonário William Seeman, em Abril de 1929.

Lloyd Hughes casou-se com a ex-«estrêla» do cinema Gloria Hope em 1921 e tem um filho chamado Donald.

O cómico da cara séria Buster Keaton é um pai ditoso. A sua Natalie Talmadge teve o talento suficiente para lhe dar dois filhos varões. Buster é considerado um dos maridos mais ditosos da colónia e um dos homens mais ricos de toda a Califórnia.

Laura La Plante é a ditosa esposa do director William Seiter.

Outro marido feliz é Harold Lloyd, que se casou com Mildred Davies. Teem duas filhas, uma de quatro anos e outra de poucos meses. Alem disso, adoptaram uma orfãzita de quatro anos para brincar com a pequenita.

A graciosa Bessie Love casou-se com o director William Hawks em 1929 e ambos levam uma vida muito retirada.

Edmund Lowe não pode viver sem a sua esposa, Lilyan Tashman, e ela também não pode viver sem ele... O que demonstra que depois de seis anos de vida em comum ainda continuam a dar-se bem.

Recordemos, para concluir, o matrimonio de Norma Shearer com Irving Thalberg, que se realizou em 1927 e que é um dos mais felizes de Hollywood.

Incontestavelmente o melhor receptor é o

M E N D E

Sonora—Radio Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

■ ■

Em pleno exito a super-produção falada e cantada em francês

O Congresso que Dança

Com LILIAN HARVEY e HENRY GARAT

□ □ □

Segunda-feira, 23 -- A TRAGEDIA DA MINA, de Pabst

Quarta-feira, 25 -- MAM'ZELLE NITOUCHE

Com ANNY ONDRA

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 18

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha somente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do "CINEMA,"

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 %, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 26 e 28 de Maio

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 26 e 28 de Maio

BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 26 de Maio

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 28 de Maio

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» teem os seguintes limites: Plateia, 200; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

E' na próxima Segunda-feira, 23 de Maio

E' na próxima Segunda-feira, 23 de Maio, que

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

apresenta no Pôrto, nos Cinemas

“AGUIA D'OURO” e “TRINDADE”

o tão esperado filme, que tem constituido
um êxito em todo o mundo,

“LUZES DA CIDADE”

obra-prima do inegalável

CHARLIE CHAPLIN (CHARLOT)